

Mediatização das práticas “psi”: a transformação da consulta nos dispositivos interacionais mediatizados

*Mediatization of “psy” practices: the transformed appointment in
interactional mediatized devices*

Monalisa Pontes Xavier
monalisapx@yahoo.com.br

Doutora em Ciências da Comunicação pela UNISINOS (2014). Mestre em Psicologia Social pela Universidade Federal do Ceará (2009), mesma instituição pela qual é graduada em Psicologia (2005). Professora do curso de Psicologia da Universidade Federal do Piauí e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação/UFPI. Atuou como colaboradora do Núcleo de Psicologia do Trabalho (NUTRA) da UFC. Atuou também como psicóloga do Centro de Atenção Psicossocial, em Tamboril-CE. Experiência na área de Psicologia Social, com ênfase em Psicologia Social e do Trabalho e Saúde Mental.

Resumo

O artigo discute as afetações da mediatização nos dispositivos interacionais e suas repercussões nos saberes e nas práticas sociais contemporâneas, mais especificamente aqueles que envolvem questões em torno da Psicologia, da Psiquiatria e da Psicanálise. Esses saberes adentram os dispositivos mediatizados, produzindo com eles agenciamentos e, assim, passam por transformações que repercutem sobre a episteme da consulta, levando-nos a falar em consulta transformada. Para compreender a transformação, realizamos um estudo de casos múltiplos, a saber: a coluna “Vida Íntima”, do jornal *O Globo*, o site Ajudaemocional.com e a participação da psicóloga Anahy D’amico no programa “Casos de Família”.

Palavras-chave: consulta transformada, dispositivos interacionais mediatizados, mediatização.

Abstract

The paper discusses the affectations of mediatization in the interactional devices and their impact on knowledge and contemporary social practices, specifically those involving issues about Psychology, Psychiatry and Psychoanalysis. Such devices work as a place of agency for several knowledge systems and social practices, as well as “psy” knowledge systems and practices that, when displaced to their environment, will produce meaningful incidences that impact on the episteme that produces the idea of appointment. To understand the transformation, we conducted a study of multiple cases: the newspaper column “Vida Íntima” in *O Globo*, the website Ajudaemocional.com and the utterances by psychologist Anahy D’amico in the talk show “Casos de Família”.

Keywords: transformed appointment, interactive mediatized devices, mediatization.

Introdução

No momento em que a mediatização em processo figura como solo epistemológico de emergência das práticas sociais contemporâneas, suas lógicas passam a afetar o funcionamento dessas práticas, bem como as variadas experimentações e invenções que se forjam em sua ambiência. Tais afetações incluem as práticas que envolvem os campos de produção de saberes institucionalizados que se agenciam com a mídia, como é o caso, por exemplo,

de saberes médico, psicológico, pedagógico, entre tantos outros.

Nesse processo de agenciamento, os saberes institucionalizados abdicam de seus limites tradicionais rigidamente estabelecidos em prol de tentativas de construções outras que se ocupam das questões cotidianas no seio das quais se configuram. Dentre essas construções, estão os dispositivos interacionais mediatizados que trazem para seu espaço elaborações discursivas sobre os mais variados assuntos, como aqueles que envolvem questões “psi”.

Diante disso, este estudo se propõe compreender a singularidade de algumas experimentações tentadas em torno dos saberes “psi” em dispositivos interacionais midiaticizados que findam por deslocar os referentes canônicos da consulta, de modo a transformá-la.

Tais transformações são discutidas a partir de um estudo de casos múltiplos de três dispositivos interacionais de ampla circulação social, a saber: a coluna “Vida Íntima” do jornal *O Globo*; o site *Ajudaemocional.com*; e as enunciações produzidas pela psicóloga Anahy D’amico no Programa “Casos de Família”.

Os observáveis foram cartografados e tensionados em suas lógicas particulares, de modo a se alcançar as regularidades e as singularidades de cada um. A análise dos casos conduziu à percepção de significativos aspectos dos processos sociais condensados nos dispositivos, bem como permitiu inferências acerca de modos como esses dispositivos podem fazer avançar os saberes envolvidos em sua produção.

1. Sobre dispositivos interacionais midiaticizados

Dispositivo interacional diz respeito à totalidade de elementos que envolvem a interação, funcionando como espaço de possibilidade de advir à própria interação, nas suas mais variáveis e tentativas formas assumidas. Nas palavras de Braga (2011a, p. 11):

Dispositivos de interação são espaços e modos de uso, não apenas caracterizados por regras institucionais ou pelas tecnologias acionadas; mas também pelas estratégias, pelo ensaio-e-erro, pelos agenciamentos táticos locais – em suma – pelos processos específicos da experiência vivida e das práticas sociais.

Nessa perspectiva, como um sistema de relações socialmente produzido, um dispositivo interacional pode se configurar como um espaço amplo e aberto, ressaltado por seu aspecto de rede de relações, de conjunto de construções de sentido que se processa no deslizamento entre as muitas práticas sociais que lhe conferem vida.

É possível argumentar que a ambiência midiática é capaz de circunscrever os dispositivos ao seu espaço de interação. Efetivamente não é isso que ocorre. No contexto da sociedade em midiaticização, apesar da centralidade organizativa da mídia, tal instância é elemento de um circuito midiaticizado. Na relação com os múltiplos campos sociais, a mídia com eles se agencia e daí decorre que deixam de existir a mídia e os campos sociais diferenciados. Esses campos cedem existência à midiaticização de cada um dos campos sociais. Não é a incidência da mídia em cada um deles, mas sim uma construção outra, um agenciamento entre campos.

Segundo Zourabichvili (2004, p. 20), agenciamento pode ser entendido como “[...] o acoplado de um conjunto de relações materiais e de regime de signos correspondentes”. É formado por dois polos: um polo molar ou polo estrato do agenciamento, que se refere aos grandes agenciamentos sociais definidos por códigos específicos (agenciamentos coletivos de enunciação); e um polo molecular ou polo da máquina abstrata, que retrata o modo como cada um se relaciona com os agenciamentos sociais (agenciamento maquínico). Transpondo a referência teórica deleuze-guattariniana para nosso interesse de estudo, cabe-nos esclarecer que o conceito tem uma função primordial que é a de transpor a dualidade – que no contexto proposto se anuncia na fórmula individual *versus* social – e operar com uma construção outra que se processa exemplarmente nas relações de enunciação, embora a elas não se restrinja. Tais enunciações, cremos, podem trazer expressivas contribuições para a compreensão do fenômeno comunicacional e sua roupagem no contexto da midiaticização.

Pensar a enunciação como agenciamento significa descentrá-la do sujeito e da relação emissor-receptor, potencializando, ao contrário, a indissociabilidade dos agenciamentos de enunciação de práticas concretas e das relações de poder (Caiafa, 2000). Ao empreender esse movimento, o conceito deve dar conta do caráter social da enunciação, que se constitui em um *a priori* frente a qualquer enunciado particularizado. Como escrevem Deleuze e Guattari (1995, p. 18):

Não existe enunciação individual nem mesmo sujeito da enunciação. [...] O caráter social da enunciação só é intrinsecamente fundado se chegamos a mostrar como a enunciação remete, por si mesma, aos agenciamentos coletivos. Assim, compreende-se que só há individuação do enunciado, e da subjetivação da enunciação, quando o agenciamento coletivo impessoal o exige e o determina.

Tomando o agenciamento tal qual um protótipo de como se produz a enunciação, temos, na sociedade em midiaticização, a mídia como ambiência privilegiada de produção de enunciados sociais. Tais enunciados, contudo, mesmo sendo produzidos no espaço da mídia, somente adquirem sentido, relevância e funcionalidade no contexto social do qual advêm. É assim, por exemplo, que, ao falarmos da midiaticização dos discursos “psi”, nos referimos a um agenciamento dos saberes “psi” com a mídia que não se processa seguindo lógicas próprias de funcionamento das práticas “psi”, tampouco do funcionamento específico da mídia.

Contrariamente, cria-se um insurgente espaço de interação – outro dispositivo – com regras e codificações

particulares que lhe conferem existência. Esse agenciamento, por sua vez, gera uma matriz de fabricação de sentidos socialmente útil e partilhada que, em acordo com o que afirma Braga (2011b), é um “dispositivo interacional” mediatizado.

2. No jornal, no site, na tevê: a mediatização dos dispositivos interacionais “psi”

Três dispositivos interacionais mediatizados em torno de questões “psi” nos interessam particularmente. São eles: a coluna “Vida Íntima” do jornal *O Globo*, assinada pelo psiquiatra e psicanalista Alberto Goldin; o site *Ajudaemocional.com*, moderado pela psicóloga e psicoterapeuta Olga Tessari; e as enunciações proferidas pela psicóloga Anahy D’amico no programa “Casos de Família”¹.

“Vida Íntima” é uma coluna escrita semanalmente por Goldin para o jornal *O Globo*. Constitui-se como uma interação por troca de escritos entre o colunista e seus leitores na qual Goldin recebe cartas/e-mails dos leitores e responde aos conflitos que afligem os autores das cartas/e-mails selecionados. Nas respostas, encontramos uma espécie de crônica pautada em significativos referentes do fazer psicanalítico, com acionamentos teóricos e técnicos que, ao mesmo tempo em que o distinguem do literato, o aproximam de algumas regularidades canônicas que garantem a marca do psicanalista na coluna, como ilustra o trecho a seguir:

“TENHO 20 ANOS, SOU FELIZ, ME CONSIDERO uma criança. Não quero me casar nunca, quero morar sempre com meus pais e quando envelhecer ser uma velhinha que cuida de muitos gatinhos. Nunca senti atração pelo sexo oposto, e fico triste ao perceber que isso gera uma cobrança por parte de muita gente. Fiz um novo amigo, José, tínhamos muitas coisas em comum, porém, não imaginava que gostava de mim. Um dia o revelou. Disse que só poderia ser sua amiga dele [sic], e ele não gostou. Depois decidimos tentar. Foi a pior semana da minha vida, só olhava amigo, e fazer coisas de ‘namorados’ eram difíceis ainda que fingisse que fossem fáceis. Sou feliz sozinha, disse que queria ser só amiga, mas tenho medo das coisas não serem como antes! Ninguém entende que eu não gosto de meninos! Você conhece alguém como eu? Eu sou normal? Eu gosto de ser assim, mas me machuca saber que decepção a José e minha família. Existe uma classificação para o que eu sou? Renata”

Respondo-lhe que sim, existem e não são uma aberração da natureza. O que todas têm em comum é que simplificam sua existência para evitar conflitos, o que dificulta a

passagem da infância para a vida adulta. Não é possível ser mulher, desejar ou ser desejada, seduzir ou amar sem atravessar turbulências. Renata está blindada num mundo simples e feliz, condenado a uma paz eterna. Quando decidiu “namorar”, se aproximou do universo adulto e o sentiu sinistro e forçado, arrependeu-se, porque perturbou sua paz. De fato, amor e sexo perturbam, obrigam a tomar posições, abrem a misteriosa caixa do sexo, expõem e ameaçam com perigos desconhecidos. O mundo humano não é uma planície bucólica, é um campo minado, uma caixa de (boas e más) surpresas e Renata, por motivos que ignoro, não quer participar, só pretende ser espectadora. Para responder à sua pergunta, me remeto a outras histórias semelhantes. Em todas suas protagonistas tinham sofrido traumas nos seus primeiros anos de vida... Nestes casos, o aparelho psíquico se comportou como um braço ou uma perna acidentada, com fraturas múltiplas que o tempo reparou, mas não completamente, ficando com alguma rigidez, pouca articulação e movimento. Por esse motivo desconfiam da sua agilidade para resolver imprevistos e tendem, como a Renata, a assumir posições radicais e definitivas [...].²

O segundo dispositivo é o site “Ajudaemocional.com – Caminhos para resolver seus problemas”, moderado pela psicóloga e psicoterapeuta Olga Tessari e que oferta os mais variados serviços: consulta psicológica mediada por dispositivos de comunicação à distância, aconselhamento, leituras, palestras, vídeos, entre tantas outras possibilidades de ajuda psicológica mediada por recursos tecnológicos.

O site é descrito como um espaço de “[...] informação, divulgação e de orientação sobre problemas do ser humano de origem emocional, respaldado em pesquisas científicas”, que se destina a “[...] difundir a importância da terapia como ferramenta para superar crises emocionais”³. Na página inicial, traz uma foto de Tessari e a capa do último livro lançado pela psicoterapeuta. Logo abaixo estão dispostos dez links que sintetizam as ações disponibilizadas e explicações sobre o funcionamento do site. São eles: agenda; consulta; cadastro; atualizações; normas de conduta; política de privacidade; mídia; cursos e palestras; cursos online; consultas online. Logo abaixo se dispõem outros links que convidam o visitante a sua zona de interesse: Início; Terapia; Ansiedade; Pânico; Timidez; Medo de dirigir; Medo de errar; Testes; Autoestima; Medo; Depressão; Obesidade; Pais/filhos; Livro; Qualidade de vida; Mulher; Amigos/grupos;

2 GOLDIN, A. TENHO 20 ANOS, SOU FELIZ, ME CONSIDERO. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 25 dez. 2011.

3 Os trechos foram retirados do site *Ajudaemocional.com* (<http://www.olgatessari.com/>), acessado diariamente ao longo do mês de setembro de 2012.

1 O material foi coletado e analisado entre os anos de 2010 e 2013.

Adolescência; Probl. Relacionamento; Bulimia/anorexia; Idosos; Sexualidade; Fazer o bem; Demissão; Terapia em grupo; Coach; Bate-papo; Plantão psicológico; Consulta; Pesquisas; Conheça-me!; Depoimentos; Revistas; Resp. social; Vídeos; Áudios; Fotos; Mapa do site; Localização; Mensagens recebidas; Prêmios; Livro de visitas; Indique este site!; Fale comigo. Cada um deles funciona como um hipertexto que dá acesso a uma amplitude de informações (textos, questionários, dados de pesquisas, formulários, fotos, links, depoimentos, etc.) agrupadas na temática selecionada. Na margem direita, há uma coluna contendo um vídeo no qual a psicoterapeuta divulga os livros de sua autoria e, em seguida, outros links: cursos/palestras; terapia individual – grupo; terapia casal – família; orientação de pais. Na parte central, palavras de boas-vindas da moderadora.

Por sua vez, Anahy D’amico é psicóloga e compõe o quadro do programa “Casos de Família” como responsável pela mediação e emissão de parecer perito a respeito dos casos discutidos em cena. Sua participação no programa é uma espécie de finalização técnica – um misto de prescrição e aconselhamento – acerca dos problemas apresentados no dia, como exemplifica a fala no episódio “Ser mãe é um pesadelo”, no qual a psicóloga assim se pronuncia:

É porque é muito muito muito desrespeito. É difícil a gente conceber mãe e filha se tratando dessa maneira, né? Eu acho que a relação é muito profunda, é um amor muito forte de mãe e filha e não acaba desse jeito, mas desgasta muito. É o que a gente tá vendo aqui. Eu não acredito que não amem mais, que não se importem com os filhos, não é isso. É que tá tão desgastada a relação, é uma relação tão difícil, tão sofrida, tão desrespeitosa, sabe? Mãe falar o que você fala pra sua filha e a filha falar o que fala pra mãe. No segundo caso a mesma coisa. O primeiro passo pra vocês tentarem se entender é baixar as armas. Vocês só brigam, vocês só se ofendem, só se xingam. Não tem como viver uma relação assim. [...]. Mas já que ela não faz isso, faça você.⁴

Os três profissionais desenvolvem práticas em ambientes que tensionam a forma tradicional de fazer Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise, embora exemplifiquem abordagens contemporâneas das questões psíquicas frente às quais o próprio Conselho Federal de Psicologia passa a se posicionar. Cabe-nos, diante disso, buscar compreender a produção desses dispositivos de interação que passeiam na interface das questões “psi”, no que se refere aos modos possíveis de interação por eles proporcionados na sociedade contemporânea.

4 SER MÃE É UM PESADELO. Programa Casos de Família. SBT, 21 de novembro de 2011. Programa de TV. 50 min.

3. A transformação da consulta nas interações “psi” midiaticizadas

A coluna “Vida Íntima”, o site Ajudaemocional.com e as falas de D’amico no Programa “Casos de Família” são exemplos de inserção de profissionais “psi” em ambiência midiática que buscam atuar embasados em referentes de seus saberes de formação – Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise – nesse espaço extracampo. Contudo, quando ocorre a deambulação, significativas transformações se processam, na medida em que emergentes lógicas de interação são postas em cena.

Nos dispositivos estudados, temos três atores, que são os profissionais peritos que operam a escuta nos diferentes lugares nos quais se inserem, bem como empreendem a produção de enunciados e práticas em torno dos saberes em questão. Cada um desses atores produz, através das tentativas distintas sobre os feitos psicológicos, operadores, que são os dispositivos interacionais midiaticizados.

Nesse procedimento tentativo, um primeiro deslocamento incide sobre os atores, que deambulam juntamente com o deslocamento dos processos interacionais. Exemplo disso é o Goldin analista, psiquiatra, cronista, colunista, literato, consulente, dentre outros papéis desempenhados na coluna “Vida Íntima”. Também Tessari, psicóloga e psicoterapeuta, moderadora de site, colunista, apresentadora de web-tevé, palestrante e com várias outras funções no espaço de seu dispositivo. Por sua vez, D’amico também transita por lugares distintos no programa “Casos de Família”, passeando por múltiplas figurações entre o psicólogo e a celebridade televisiva formadora de opinião.

Tal deslocamento de lugares e de referentes é bem característico da midiaticização que imprime uma dissolução de fronteiras estabelecidas entre campos e práticas sociais e desconstrói as segmentações identificatórias preestabelecidas em prol de um delineamento fluido das mesmas nas interações em que elas acontecem, de modo que o ator se define pelo movimento entre suas múltiplas atuações nas práticas mesmas. Isso corrobora a afirmação de Fausto Neto (2010, p. 88) de que na midiaticização

Os papéis dos atores (os intelectuais, por exemplo) também se reformulam uma vez que os mesmos passam a jogar o “contrato da performance das novas lógicas midiáticas”, situação em que parecem mais “representar para si mesmos”, ou para estas novas interações, do que interagir para com a sociedade, nos moldes antigos.

Como os atores, os fazeres insurgentes nos dispositivos também aparecem em constante deslocamento que se realiza em resposta às demandas das interações das quais participam. Nos três casos são perceptíveis o abdicar do linguajar canônico para se tornarem acessíveis; a adoção

de diferentes modos de interagir para viabilizar as trocas com a sociedade em geral; a ressignificação de acionamentos teóricos em prol de maior aceitabilidade; a prescrição de modos de ser e, com isso, o adentrar nas questões de foro íntimo; a miscigenação de elementos de outros campos, entre outras ações tentativas de melhor se inserir nas práticas contemporâneas.

Nessas metamorfoses, findam por deslocar os modos de fala, muitas vezes aproximando-os de conselho de amigos ou conhecidos, como acontece nos pareceres de D'amico; da linguagem da literatura, tal qual realiza Goldin; ou ainda das elaborações biomédicas acerca de conteúdos psíquicos, como no dispositivo tessariano. Esses modos de fala transformados delineiam o que cada um dos dispositivos empreende como oferta aos que com eles interagem. Com isso, tais dispositivos produzem outra modalidade de interação entre os campos sociais e ainda outros elementos de inteligibilidade da vida e dos processos sociais.

Essa outra modalidade interativa reverbera nos processos sociais de muitas maneiras, dentre as quais apontamos as expectativas e as crenças em torno das ofertas dos dispositivos. Em um circuito que envolve produção, recepção e sistema social de resposta, como pontua Braga (2006), encontramos uma relação complementar entre ofertas e demandas, no centro das quais se constroem as expectativas acerca do dispositivo ou a respeito dos saberes envolvidos na constituição do mesmo.

A relação entre demanda e oferta pelos dispositivos midiáticos “psi” envolve fatores sociais, individuais e micropolíticos. Em relação aos primeiros, temos que esses dispositivos trazem em si dimensões assinaladas como características do momento sócio-histórico vigente, como pragmatismo, imediatividade, hedonismo, entre outras.

Enquanto uma análise, por exemplo, tem longa duração, suscita grande exercício de elaboração intelectual, os resultados não são imediatos, exige a exposição sistemática ao outro e o investimento financeiro é alto, as colunas do Goldin oferecem diretrizes de forma prática e imediata, já estão prontas e em linguagem direta e acessível, as respostas necessárias se encontram nas entrelinhas e a baixo custo.

Por sua vez, Ajudaemocional.com disponibiliza uma sistemática do processo de remissão de sintomas, como identificá-los, preveni-los, nomeá-los, tudo na imediatividade de um clique e na virtualidade da rede. Oferece a possibilidade de vários ensaios, para os quais, porém, não há erro, não há engano. Mostra a assistência e disponibilidade contínua e instantânea pela qual anseia o sujeito hodierno.

No programa “Casos de Família”, D'amico alia prescrições e visibilidade, realiza o sonho de muitos de aparecer na tevê como estrelas de suas próprias vidas, embora essas vidas não sejam aparentemente desejadas, mas a psicóloga

as mostra como perfeitamente ajustáveis. Nesse sentido, as práticas estabelecidas nas interações midiáticas bem parecem estar em acordo com as demandas contemporâneas, fato que nos leva a enxergar uma tessitura bem mais complexa do que as demandas ou expectativas imediatas de sujeitos particularmente. Subjetividades forjadas em tempos de midiática encontram nos dispositivos também midiáticos atrativos modos de destinação de suas causas.

Além de questões sociais, questões individuais e micropolíticas também estão imbricadas nas expectativas e motivações interacionais em torno dos dispositivos em discussão. Ao aspecto pessoal, acrescentamos o culto ao individualismo, a crença do sujeito no senhorio de si e as relações instrumentais com o outro, muitas vezes anulados em alteridade. Se bem observamos os modos de endereçamento dos três dispositivos estudados, constatamos que eles produzem e/ou corroboram esse sujeito suposto autônomo que está de acordo com o sujeito psicológico exaltado nos não ditos de D'amico, por exemplo. Com propostas de práticas instrumentais em seu pragmatismo e sistematização, Tessari bem opera junto ao aspecto individual que estamos discutindo. Também o faz com a lembrança e conclamação constante do “Seja feliz”, para o qual disponibiliza diretrizes.

A dimensão micropolítica se reflete nos modos de subjetivação variados que se oferecem prontos para serem consumidos, à semelhança de bens de consumo, nos espaços canhestamente forjados nos dispositivos interacionais midiáticos. Nesses espaços circulam com grande frequência padrões normativos e promessas ou soluções para as readequações que os interlocutores julgarem necessárias. Desse modo, tais dispositivos “psi” concretizam a postulação foucaultiana das “tecnologias do eu”.

Transversalmente aos aspectos apresentados, há a questão da crença no dispositivo que pauta a relação dos interlocutores com a modalidade de dispositivos em discussão. Importante percepção sobre o funcionamento desses dispositivos está no fato que leva os sujeitos a acreditarem neles e sentirem satisfeitas suas expectativas. Nesse ponto também acontece um deslocamento entre o modelo clássico de interação e o modelo midiático. Exemplo disso são as construções acerca da cura. Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise diferem entre si nos modos de conceber a cura e os três saberes divergem também de qualquer concepção de cura buscada nos dispositivos midiáticos.

A mediação de um conflito instalado, a nomeação e balizamento de algum mal-estar ou ainda a indicação de como melhor tratar determinadas questões podem ser propostas interessantes do dispositivo midiático que desconstruem a ideia de cura como fim. Assim, não é possível discutir cura ou qualquer outro referente dos saberes em discussão a partir de comparativos com os saberes

canônicos, já que, em decorrência do agenciamento estabelecido, cura, demanda, oferta, técnicas e tantos outros elementos também transformados põem em movimento a própria crença na instituição “psi”.

Outro importante aspecto de transformação que atravessa a consulta midiatisada diz respeito à relação estabelecida entre o saber especialista e as construções do senso comum. Quando agenciadas na ambiência midiatisada para formar os dispositivos, as distinções rigidamente delimitadas entre campos tendem a dar lugar a coisas outras que se reconstituirão em novos agenciamentos, em movimento ininterrupto de insurgentes distinções a todo tempo em gestação. Isso é um traço constituinte dos dispositivos, como argumenta Deleuze (1990, p. 159): “Todo dispositivo se define pelo que detém em novidade e criatividade e que, ao mesmo tempo, marca a sua capacidade de se transformar, de se fender em proveito de um dispositivo futuro”.

Os casos estudados bem expressam a afirmação deleuziana. Goldin, Tessari e D’amico produzem continuamente, com maior ou menor grau de consciência, as fendas apontadas como mediadoras das possibilidades interacionais de relação e produção de sentidos acerca dos saberes “psi” que ofertam a seu público. Desse modo, como dispositivos interacionais midiatisados “psi”, a coluna “Vida Íntima”, o site Ajudaemocional.com e a circulação das enunciações psicológicas produzidas no âmbito do programa “Casos de Família” criam saberes e fazeres perfeitamente distintos para com o campo psicológico e seus processos, sua ideia de consulta psicanalítica ou psicoterápica em qualquer uma de suas formas, seja ela individual, de casal, grupal, entre outras. Essa distinção empreendida é o que permite ao campo falar com êxito para fora dele.

Os saberes rigidamente delimitados também são alvo de diluição no processo midiatisado, já que, no espaço do dispositivo midiatisado, saber perito e senso comum se atravessam em trocas mútuas na possibilidade de voz que a midiatisação oferece a ambos. Esse fato pode ser bem ilustrado nos repetidos “eu acho” proferidos por D’amico e muitas vezes contestados por seus auditores, especialmente em páginas da web que reverberam as enunciações que a profissional profere em cena. Também Goldin tem suas postulações peritas eventualmente contestadas por seus leitores a partir do lugar do senso comum.

A contestação dos ditos especialistas pelo público é pouco visível no site Ajudaemocional.com. Contudo, a perspectiva do senso comum se mescla com os referentes da Psicologia em muitas falas de Tessari, seja em textos, em palestras ou nos programas de que participa. Essa perspectiva funciona como estratégia de bem comunicar-se com seu público, conquistando maior adesão.

As produções enunciativas que envolvem os saberes “psi” no seio do dispositivo midiatisado figuram como um mosaico de referentes, dentre eles a consulta, o conse-

lhamento sentimental e comportamental e a prática pedagógica em torno de modos de ser. Consulta transformada, aconselhamento transformado e prática pedagógica também transformada, na medida em que o espaço em que esses fazeres ocorrem e as articulações que estabelecem não permitem que aconteçam segundo seus padrões canônicos.

Outra significativa incidência da midiatisação acontece quando as representações em torno do saber perito passam a se pautar também pelas interações construídas junto às práticas sociais acerca de tal saber – não em detrimento dessas interações, mas em complementação delas.

Uma ação primordial observada nos casos estudados é a de produzir, nas interações com as práticas sociais por eles gestadas, sentidos outros não apenas sobre a Psicologia/Psiquiatria/Psicanálise, mas que envolvem os saberes e práticas “psi” de um modo geral. Os sentidos então produzidos se legitimam nas práticas mesmas e sobre elas incidem, passando a redefini-las e instaurando o movimento contínuo de transformação que, por sua vez, passa a incidir sobre a episteme da consulta, levando-nos a perceber aspectos de transformação que somente nos permitem falar em consulta enquanto transformada.

Surge como experimentação uma construção outra de consulta. Um fazer que se situa no entremeio do campo da Psicologia/Psiquiatria/Psicanálise e das práticas não institucionalizadas da sociedade. De um lado, as áreas de conhecimento canônicas, de outro, as práticas sociais. Entre as duas, os dispositivos interacionais “psi” midiatisados, responsáveis pela produção, divulgação e representação de um saber “psi” digestivado, deformado, diluído, simplificado que, quando tomado segundo lógicas específicas de campo, tende a ser concebido como “uma passagem em perda”.

No entanto, com um deslocamento de perspectiva sobre os feitos dos dispositivos interacionais midiatisados que envolvem questões “psi”, se abdicarmos da lógica do campo estabelecido e pensarmos os processos segundo o lugar do senso comum, percebemos então uma alteração substancial no que está sendo feito pelo funcionamento dos dispositivos. Por esse ângulo de entrada, o saber “psi” até então assumido como digestivado, diluído e eventualmente deformado se torna uma oferta de qualificação frente ao desconhecimento ou conhecimento canhestro acerca das produções enunciativas e práticas do campo “psi” que definem o senso comum.

Assim, as colunas de Goldin, o site de Tessari e as produções discursivas de D’amico, desqualificadas por gerarem afetações que põem em risco e, por isso, rechaçadas pelos olhares rigorosos dos representantes do campo “psi”, podem ser vistas por suas potencialidades de formação e qualificação – obviamente não profissional – de seu público, o qual apreende na interação coisas outras e se modifica. Não se trata da valoração do processo espe-

cífico, que pode mesmo ser criticado, mas de perceber o potencial de transformação da experiência, o que certamente não ocorre sem riscos. É isso que vai caracterizar e diferenciar os processos ocorrentes no contexto da mediação em relação à constituição das práticas não mediadas.

4. O sujeito também se transforma

Além dos aspectos já apresentados, a consulta transformada pode ser pensada também pelo viés de insuficiência característico dos dispositivos interacionais de modo geral. Esse aspecto de insuficiência é reconhecido entre os modelos mais canônicos dos saberes “psi”, como ilustram as palavras de Birman (2000, p. 15-16), que afirma “certa insuficiência de nossos instrumentos interpretativos no que concerne às novas modalidades de inscrição das subjetividades no mundo da atualidade”.

Embora o autor tematize as formas de expressão do mal-estar nos dias atuais e a relação da Psicanálise com as novas formas de subjetivação, sua afirmação nos desperta para questões advindas do aspecto de insuficiência constituinte dos dispositivos interacionais.

Numa perspectiva guattariniana, temos que a produção de subjetividade é uma construção que se processa no coletivo, no campo dos diversos domínios transversalizados que vão desde o romance familiar ao avançado desenvolvimento tecnológico, passando pelas questões histórico-culturais, políticas, econômicas e sociais. Desse modo, não há como pensá-la sem considerar a mediação como processo interacional de referência (Braga, 2006).

Isso implica que, assim como a mediação vem transformando os processos, os saberes e as interações, também vem transformando os sujeitos e de modo tão efetivo que é preciso problematizar, nos dias de hoje, o sujeito mediado, tal como em outros tempos falou-se em sujeito do conhecimento (sujeito cartesiano), sujeito psicológico (substancializado na suposta natureza interna que os saberes filosóficos lhe outorgaram) e sujeito do inconsciente (sujeito da Psicanálise).

A transformação do sujeito é mais um aspecto resultante da deambulação dos saberes na ambiência mediática. Em alguns escritos, Goldin reconhece esse viés de transformação que resulta no sujeito mediado, quando pensa os modos de relacionamento e sofrimento a partir de articulações tecnológicas, por exemplo. De modo indireto, Tessari também o faz. Na medida em que assume os dispositivos de comunicação à distância como mediadores da interação terapêutica, a psicóloga pressupõe modificações nos modos dos sujeitos se relacionarem consigo mesmos e com os outros. Concebe também psicopatologias surgidas na contemporaneidade, em acordo com as exigências socioculturais da atualidade.

Já D’Amico pouco atenta para o atravessamento entre o sujeito e a sociedade na qual é forjado. A psicóloga parece falar de um sujeito atemporal, universal e naturalizado, na medida em que finda por psicologizá-lo, em um movimento de ocultação das relações sociais, econômicas, políticas, etc., no seio das quais esse sujeito adquire existência.

Importante balizamento conferido pela profissional aos sofrimentos levados à cena no programa “Casos de Família” é o ocultamento de possíveis vetores sociais, estruturais, econômicos, entre outros, e a realocação dos sofrimentos expressos no participante que surge em cena como reclamado ou, no máximo, a partilha de responsabilidades entre reclamantes e reclamados. De igual modo, também a potência de solução é centrada no sujeito, em uma construção discursiva e prática que reafirma a suposta natureza interior tematizada pela Filosofia.

Se o sujeito passa por transformação, os saberes que dele se ocupam precisam também se transformar, de modo a poder abordá-lo de forma contextualizada e em acordo com o momento em que seus processos advêm à existência. Não há como bem trabalhar o sujeito mediado contemporâneo sem atentar para os aspectos que o circunscrevem e o atravessam, e, por isso, as teorias que dele se ocupam precisam ser colocadas em movimento e se mostrar sensíveis às transformações que a mediação acarreta. Isso não significa que a Psicologia, a Psiquiatria ou a Psicanálise devam ser mediadas para funcionar na contemporaneidade. Longe de assumir tal postura apologista, também nos distanciamos dos apocalípticos (Eco, 1993) que somente conseguem enxergar as negatividades das deformações, em lamentos saudosistas que parecem desejar um estancamento dos processos em determinada figuração assumida como desejável.

5. Algumas palavras de finalização

Ao longo do texto, discutimos como a mediação tem produzido deslocamentos, de modo que os eventos e fatos sociais que nela se ambientam são imediata e constantemente reconfigurados. Em seu contexto, os discursos e as práticas “psi” passam por reformulações que findam por movimentar os referentes da consulta, transformando-a e imprimindo importantes repercussões não apenas sobre a consulta imediata, mas prioritariamente sobre a episteme que produz a ideia de consulta.

Tais transformações evidenciadas ilustram que não há como pensar o mundo contemporâneo sem considerar a mediação em processo e as afetações que ela traz aos processos sociais e também aos modos de subjetivação, na medida em que funciona como verdadeira máquina de produção de bens materiais e de modos de existência.

Como a consulta, o sujeito/modos de subjetivação passam a se produzir em atravessamento com outros ve-

tores, agora midiaticizados, que findam por transformá-los e demandar a movimentação dos saberes que sobre eles se debruçam para, assim, alcançarem tais construções em sua atualidade e dinamicidade.

Além dessas percepções, pontuamos ainda algumas inquietações que nos escapam. Parece perfeitamente compreensível que as forças que os fazeres midiaticizados imprimem ao enodamento com os fazeres não midiaticizados findam por produzir deambulações que deformam as codificações anteriores. Contudo, para falar em consulta transformada são precisos, mesmo que difusamente, referentes mínimos capazes de sustentar a identificação como consulta. Isso acontece no funcionamento dos dispositivos estudados.

No entanto, algumas propostas desenvolvidas – e inclusive regulamentadas pelo Conselho Federal de Psicologia – confrontam até o elemento mínimo de identificação, operando sobre sua desconstrução e, assim, gerando um rompimento com a ideia mesma de consulta. Como é que se dá a Psicanálise via computador? E a psicoterapia por e-mail? Não vemos essas interrogações como simplesmente uma questão de transformação. Elas incidem sobre os pressupostos mesmos da Psicanálise e da Psicoterapia. Isso talvez aponte para a gestação de outra episteme que precisa ser inventada para dar conta desses processos inovadores.

Referências

- BIRMAN, J. 2000. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 2ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 304 p.
- BRAGA, J.L. 2006. *A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática*. São Paulo, Paulus, 350 p.
- BRAGA, J.L. 2011a. Dispositivos interacionais. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Epistemologia da Comunicação. In: XX ENCONTRO DA COMPÓS, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de 14 a 17 de junho de 2011.
- BRAGA, J.L. 2011b. Uma heurística para a pesquisa em Comunicação. In: III SEMINÁRIO DE EPISTEMOLOGIA E PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, PROCAD Unisinos/UFG/UFJF, Goiânia, outubro de 2011. *Anais...*, p. s/n.
- CAIAFA, Janice. 2000. *Nosso século XXI: notas sobre arte, técnica e poderes*. Rio de Janeiro, Relume Dumará. (Conexões, 4).
- DELEUZE, G. 1990. O que é um dispositivo? In: L. JANEIRA (Ed.), *Michel Foucault, filósofo*. Barcelona, Espanha, Gedisa, p. 155-161.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. 1995. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Rio de Janeiro, Ed. 34.
- ECO, U. 1993. *Apocalípticos e integrados*. 5ª ed., São Paulo, Perspectiva, 386 p.
- FAUSTO NETO, A. 2010. Epistemologia do ziguezague. In: J. FERREIRA, L.A.S. FREITAS, F.J.P. PIMENTA, *Estudos da Comunicação: transversalidades epistemológicas*. São Leopoldo, UNISINOS, p. s/n.
- ZOURABICHVILI, F. 2004. *O vocabulário de Deleuze*. Tradução de André Teles. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

Artigo submetido em 29-09-2015

Aceito em 11-02-2016